

# Educação e qualidade industrial

João Batista Araújo  
e Oliveira \*

**M**ais uma vez nos surpreende o presidente Collor, referindo-se, pela terceira vez, em seu mandato, à educação básica. Até hoje nenhum presidente se ocupou tanto do assunto. No lançamento do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, assim se expressou Collor: "A educação é fator fundamental para o sucesso dos programas de capacitação tecnológica... Acompanho e apóio (*sic*) pessoalmente as iniciativas que neste campo estão sendo conduzidas pelo Ministério da Educação. A revolução educacional no Brasil é urgente, e nós vamos fazê-la." Será?

Não resta dúvida de que não haverá desenvolvimento científico e tecnológico compatível com o ritmo das nações mais desenvolvidas sem a universalização de um ensino básico de boa qualidade. É somente com base numa população educada que as empresas podem rentabilizar seus investimentos e recursos humanos. É somente numa sociedade, onde a grande maioria dos cidadãos é escolarizada, que eles se podem converter em consumidores exigentes, e, desta forma, criar as condições para a melhoria da qualidade dos produtos e serviços oferecidos pela empresa. Sem esta aprendizagem, no seu país de origem, as empresas não adquirem a competência e a qualidade para competir no estrangeiro. Pelo menos, é isto o que nos diz, e comprova, a teoria das vantagens comparativas, no campo do comércio internacional.

O Brasil, querendo insinuar-se no seleto clube dos países tecnologicamente avançados, continua a insistir em manter uma educação básica, comparável somente à dos países da África. Dai a agradável surpresa do novo discurso de Collor. Mas, exatamente, a que será que se refere o presidente, quando fala das iniciativas do MEC?

Sem dúvida, não se refere às iniciativas, que vêm sendo desenvolvidas até este momento, referentes à reforma administrativa que nada mudou, à expansão de vagas em cursos universitários sem mercado e sem demanda qualificada, ou às alterações eventuais no sistema de vestibular.

Muito menos estaria o presidente confundindo controle de qualidade com controle de custos, estratégia de que se vem utilizando o MEC para destruir um dos últimos enclaves de qualidade educacional no país, e que praticamente se restringe a uma parcela do ensino privado. Nem poderia Collor, que acena para a modernidade, estar apoiando os mecanismos de financiamento inadequados, que herdou das gestões anteriores, nem as práticas de repartição desses recursos, que continuam a se valer dos mesmos critérios usados desde o tempo das capitâncias hereditárias. Preparando-se para uma revolução educacional, não poderá o presidente estar apoiando a omissão da pasta com relação às questões fundamentais, que afetam a qualidade da escola, o que faz o país perder um tempo precioso, que comprometerá o programa tecnológico. Não estaria também o presidente concordando com o rompimento do diálogo com os estados e municípios, em torno da discussão de um plano educacional, com o que o MEC assume a onipotência e a onisciência de quem detém a chave da solução, sem até agora ter provado competência substantiva para tal.

Ao se referir às iniciativas do Ministério da Educação, o presidente não pode estar falando que acompanha e apóia tudo isto, que de nenhum modo se compatibiliza com os brilhantes progressos conquistados pela administração atual, em outros setores. É curioso o presidente afirmar que apóia as iniciativas do MEC, já que seria de se esperar que o MEC estivesse seguindo suas diretrizes. Mais intrigante é saber que o presidente está acompanhando iniciativas, que, segundo ele, nos levarão a fazer a urgente revolução educacional. Collor, que tanto gosta de surpreender, nos estará reservando algum plano revolucionário secreto? Deus queira que seja o caso.

Como o dr. Pangloss, no *Cândido*, de Voltaire, só nos resta acreditar que todas as desgraças que até agora se abateram sobre o setor educacional, na gestão atual, são para o bem: tudo vai bem, no melhor dos mundos. De duas, uma: ou Collor nos surpreende com uma revolução viável, e necessária, que vai estarrecer até os descrentes mais contumazes, ou continuaremos, os 95% dos brasileiros, a andar na corda bamba, que liga o descalaibro educacional atual ao subdesenvolvimento tecnológico permanente.